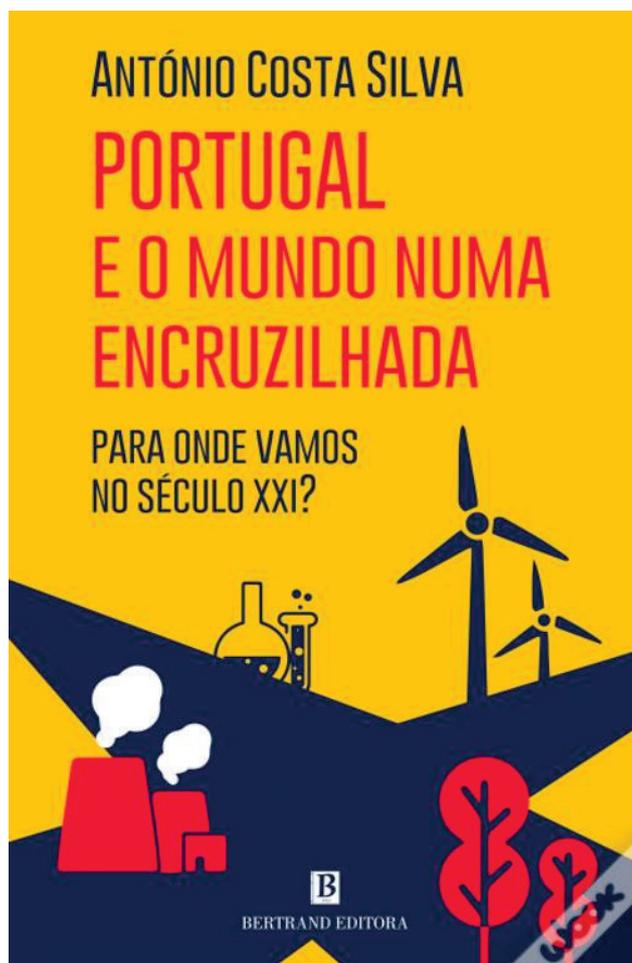


Silva, A. C. (2021). *Portugal e o mundo numa encruzilhada*.

Bertrand Editores. Lisboa: 328 pp.

CARLOS LEONE<sup>1</sup>



### Mal-estar no século XXI

Depois de termos falhado a crise económica e financeira de 2008 para mudar o capitalismo, não podemos falhar de novo a oportunidade criada pela crise sanitária da COVID-19, sob o risco, se desaproveitarmos mais esta oportunidade, de virmos a ter no futuro crises ainda mais profundas e um sistema à beira do colapso e da ingovernabilidade. A escolha é nossa e o tempo é este. (Silva, 2021: 221)

António Costa Silva era uma personalidade pública desde há muitos anos, por força sobretudo do seu trabalho à frente da Partex; mas desde 2020, com a responsabilidade de delinear o plano de recuperação económica de Portugal para a década em curso, adquiriu uma notoriedade invulgar – até única – para um gestor do sector da Energia. Este livro, Portugal e o Mundo numa Encruzilhada, vem

==

<sup>1</sup> Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8580-8441>.

estabelecer formalmente um posicionamento do seu autor em termos cívicos – o que não surpreende, pois em grande medida sistematiza posições já publicadas por Costa Silva. E a história do livro e do seu lançamento é significativa para o interpretar.

Como é explicado na Nota Final, apesar de redigido propositadamente como livro, esta obra inclui materiais anteriormente publicados e/ou apresentados publicamente. Enquanto resultado de um desafio dos editores da Bertrand (como consta da Nota Final e foi referido em sessão lançamento), o livro é atravessado por uma tensão nunca explicitada mas clara para quem conhecer as intervenções públicas do autor: marcado por uma erudição em diversos campos e por um fio condutor definido, típicos de Costa Silva, é um ensaio próprio de um «intelectual comprometido» (como se diria nos tempos em que o termo intelectual não tinha conotação pejorativa); por outro lado, ao corresponder a um repto editorial, a sua discussão de temas marcantes da atualidade conforma-se estilisticamente (como a profusão de citações ilustra) e até em termos de conteúdo a expectativas dissonantes do saber de quem o assina. Isso mesmo o notou, na apresentação ocorrida na Fundação Caloste Gulbenkian, Carlos Pimenta, chamando a atenção para o facto de que, ao contrário do que aqui se lê, a pandemia em curso não foi um «cisne negro» e que muitos haviam já chamado a atenção para esse e outros riscos. Nada que o autor An-

tónio Costa Silva não saiba bem; mas algo que o leitor pode ser levado a aceitar – seguindo a litania politico-mediática autodesculpabilizatória – pelo prestígio do autor que o repete aqui por mais de uma vez. O lançamento, refira-se ainda, foi de certo modo simbólico da relevância pública que o livro merece (mas provavelmente não obterá): um evento produzido sob regime pandémico que reuniu decisores políticos e institucionais em número invulgarmente elevado, numa longa sessão de debate, na qual o autor apresentou o essencial da obra e, fazendo-o, venceu nitidamente a dimensão de compromisso ético presente em muitas destas páginas.

Como seria de esperar em função da intervenção pública do seu autor, o livro é redigido tomando como fio-condutor o papel da energia na encruzilhada em que o mundo se encontra. Este ponto é decisivo na sua leitura: aqui, Costa Silva não fala apenas como especialista no sector; fala como pensador da importância que o sector energético tem no conjunto das atividades sociais, ou seja, não compartimenta na questão da energia a discussão dos temas da atualidade, antes se serve na sua análise dos problemas mundiais de dados relativos ao sector da energia, que o ajudam a explicitar ao leitor a articulação entre problemas aparentemente dispersos – a epigrafe do livro, uma citação de Chesterton, é a este respeito exemplar. A discussão da energia serve para «fazer Sistema», uma eterna ambição filosó-

fica aqui desenvolvida com uma desenvoltura pouco comum – afim, em alguns aspetos, a outra obra também recente, mas ainda menos notada, *Civilização quântica*, do Brigadeiro Nuno Lemos Pires (Nexo, 2020). Nessa meta-reflexão, digamos de prospetiva, sobressai um otimismo tecnológico que era já evidente da intervenção pública de Costa Silva, mas que aqui adquire uma intensidade particular. Por coincidência, este livro surge 10 anos depois da publicação de uma obra de erudição sociológico-filosófica até hoje inigualada, mas que aqui não é referenciada, *Experimentum Humanum* (de Herminio Martins, RdA, 2011), que muito útil seria para matizar e aprofundar reflexões sobre o desenvolvimento da tecnologia e seus efeitos ambientais e sociais. As referências bibliográficas deste livro, alias, refletindo embora o conhecimento do estado da arte do seu autor e os seus múltiplos interesses, denotam também o compromisso editorial referido, visando tornar o livro «mais acessível» a esse público-alvo constante, o «leitor médio».

Nos nove capítulos que compõem o livro, podemos identificar dois eixos que o estruturam, para lá de todas as repetições e redundâncias que ao longo da sua leitura ocorrem, em resultado da pré-publicação em separado de determinadas matérias e também pela clara intenção de incutir no leitor algumas ideias centrais. Esses dois eixos são o que conduz da geoestratégia à geoeconomia e o que

desenvolve uma crítica ao capitalismo contemporâneo em nome de um bio capitalismo emergente. Estes dois eixos não congregam a totalidade do pensamento desenvolvido, mas permitem apresentar o que lhe é essencial.

No primeiro daqueles eixos, encontramos posições invulgarmente taxativas sobre o comportamento de agentes internacionais de primeira grandeza, como a China ou os EUA, e uma atenção à Rússia, que é relevante porque invulgar e distante dos lugares comuns. Outros atores são referidos também, como a UE ou o Médio Oriente, e Portugal é objeto de atenção particular. Mas, tal como na apresentação da obra Costa Silva salientava a necessidade de o Ocidente cooperar com a China para controlar as alterações climáticas, também aqui o foco está na dinâmica das relações internacionais e nos riscos que elas envolvem atualmente, destacando o autor a questão de Taiwan, que refere como uma ameaça de primeira grandeza à paz mundial. A perspetiva adotada, tributária da «armadilha de Tucídides» (isto é, o descontrolo de uma tensão internacional, resultando em conflito por causa de um pormenor), é sugestiva, até porque Costa Silva tem o cuidado de anotar (*Ibidem*: 17) que recorre a esse tropo das Relações Internacionais de um modo apenas indicativo, sem pretender traçar paralelos diretos com a guerra entre Esparta e Atenas. Contudo, as limitações do modelo teórico são evidentes e a sua pertinência no mínimo limitada, tantas

são as diferenças que é necessário considerar entre a colina de Mégara e Taiwan (no início do mandato da Administração Trump, o exemplo teria provavelmente sido o da fronteira entre as duas Coreias). Sem surpresa, é a evolução da Geopolítica para a Geoeconomia que move o argumento do ensaio e, aqui, António Costa Silva explora com mestria o papel da disponibilidade e da segurança energéticas no futuro da Humanidade. Em certos passos, teria sido interessante explorar um pouco mais a relação entre a centralidade da energia e a sua relação com aquilo a que poderíamos chamar (termo nosso) a «fileira hídrica», que concita elementos centrais da atividade em energia e (direta ou indiretamente) de todos os outros sectores de atividade económica e social críticos para a nossa sobrevivência. Tal como o argumento está apresentado, contudo, foca a integração de mercados, de sectores de atividade e de modos de distribuição e consumo de bens e serviços, servindo-se da relevância do sector da energia como fio-condutor na evolução de todos esses processos. A crítica feita à financeirização (a «especulação», como se costuma dizer) do capitalismo, hoje definido pelo endividamento mais do que pelo capital, é acompanhada de propostas de alterações concretas e com particular cuidado para evitar tons justicialistas ou inventar bodes-expiatórios.

O segundo eixo referido decorre desta reflexão. A principal crítica ao capitalismo

contemporâneo é a sua insustentabilidade. A dois títulos: ambiental, por se basear numa lógica de exploração contínua de recursos não substituíveis que, a prazo, é impossível manter; socialmente, por gerar desigualdades crescentes mesmo quando retira da pobreza vastas camadas da população mundial, desigualdades que prejudicam a vida social e, além disso, a governabilidade das instituições, além de limitarem a própria dinâmica económica de modo escusado e contraproducente. Em seu lugar, e com um compromisso declarado na sua promoção (a estratégia para Portugal passa em grande medida por aqui), Costa Silva identifica e reflete sobre um conjunto de domínios que já existem mas que no século XXI vão adquirir crescente importância num novo modelo de capitalismo, nomeadamente a exploração dos oceanos (tema sobre o qual muito tem dito ao longo dos anos), a colonização espacial (último refúgio da colonização com boa consciência) e o desenvolvimento de criações tecnológicas cada vez mais interconectadas com o mundo natural e sobretudo com a Humanidade (IA, 5G, etc.). Por força desta interconexão ambicionada, o termo bio capitalismo talvez seja uma designação adequada para o percurso que já se está a fazer.

As referências a Portugal (sobretudo no derradeiro capítulo) não inovam face à intervenção pública do último ano e não são particularmente relevantes para a lógica do

livro. Podemos acompanhar ou não o autor em interpretações específicas, em esperanças concretas ou em valorizações particulares, isso é secundário. A relevância está na concatenação dos elementos, que aqui é alcançada como poucas vezes sucede no nosso debate público. Assim, é na aceção mais nobre do

termo, de um livro político que se trata – uma reflexão política em nome próprio, sem nunca perder de vista a subordinação da tecnocracia própria dos especialistas à democracia legitimada pelos cidadãos. Esta é a sua maior valia e nisso reflete não apenas para onde vamos mas também o que já fizemos no nosso tempo.